

OS ASPECTOS PSICOLÓGICOS NO TRABALHO AGRÍCOLA: UMA REVISÃO DAS PESQUISAS

Ângela Regina Poletto (UFSC/CEFET-)
arpoletto@hotmail.com

Mariane Cardozo de Souza (UFSC)
marianes@pop.com.br

Paula Karina Hembecker (UFSC)
pkhembecker@yahoo.com.br

Leila Amaral Gontijo (UFSC)
leila@deps.ufsc.br



Este estudo tem como objetivo realizar uma revisão de literatura sobre os aspectos psicológicos presentes no trabalho agrícola. Nas pesquisas que abordam os aspectos psicológicos dos trabalhadores observa-se que há um maior destaque aos trabalhadores das áreas urbanas, ressaltando assim a necessidade de estudos psicológicos que levem em conta os trabalhadores agrícolas. Com a finalidade de fundamentar a pesquisa exploratória, selecionar e identificar a literatura neste estudo foi utilizado o Portal Capes como ferramenta de busca, através do Scopus, do Scielo, da Medline e da Elsevier como base para a pesquisa em 3 principais periódicos: Journal of Rural Community Psychology, Journal of Rural Studies, American Psychologist. Verificou-se que os estudos que abordam os aspectos psicológicos do trabalhador agrícola há muitas décadas vem sendo objeto de estudo. Em 1973, Richards fez uma revisão dos 25 anos de pesquisas sobre a psicologia da agricultura. Evidencia-se em muitos países a carência de serviços de atendimento à saúde mental e psicológica no meio rural e a necessidade de mudança deste quadro por parte das autoridades e dos profissionais da área da saúde. Ressalta-se a importância dos estudos desenvolvidos e a necessidade de continuidade dos mesmos, especialmente no Brasil, na busca da melhoria da qualidade de vida dos agricultores no exercício de suas atividades. Na atualidade, as pesquisas têm abordado principalmente a prevalência dos problemas de saúde mental dos trabalhadores agrícolas, relacionando-os com o alcoolismo, com a exposição ocupacional por agrotóxicos, com o estigma a doença mental, com a terceira idade, entre outros.

Palavras-chaves: Palavras-chaves: trabalho agrícola, aspectos psicológicos, revisão

1. Introdução

As comunidades agrícolas são estáveis no que diz respeito ao ambiente natural e aos sistemas sociais que interagem entre a população agrícola. Estas comunidades são caracterizadas por um número de fatores favoráveis a saúde e ao bem estar. No entanto, elas passaram por mudanças durante o período de industrialização, mudanças na tecnologia de produção em que métodos de trabalho foram criados para vencer a demanda das comunidades agrícolas, ocorrendo alterações significativas no comportamento dos agricultores.

Nas pesquisas que abordam os aspectos psicológicos dos trabalhadores observa-se que há um maior destaque aos trabalhadores das áreas urbanas, ressaltando assim a necessidade de estudos psicológicos que levem em conta os trabalhadores da área rural. Albuquerque (2002) enfatiza que a psicologia no Brasil tem se voltado a estudar preferencialmente os fenômenos psicossociais urbanos. Em um país, onde aproximadamente um quarto da população reside em cidades com menos de 20.000 habitantes. Estas constatações reforçam a necessidade de trabalhos na área da psicologia voltados à segurança e a saúde do trabalhador agrícola.

Este estudo tem por objetivo realizar uma revisão da literatura sobre o tema relativo aos aspectos psicológicos presentes no trabalho dos agricultores. Espera-se com este estudo mostrar os resultados das pesquisas desenvolvidas nesta área e oferecer subsídios para o desenvolvimento de novas pesquisas.

Com a finalidade de fundamentar a pesquisa exploratória, selecionar e identificar a literatura a ser utilizada neste estudo, utilizou-se o Portal Capes como ferramental de busca. Os seguintes termos foram introduzidos: *farmers work, farming, agriculturist, activities, psychology aspects*. Estas palavras foram colocadas associadas entre si, formando frases. Utilizou-se a *Scopus, Scielo, Medline* e a *Elsevier* como base para a pesquisa em 3 principais periódicos: *Journal of Rural Community Psychology, Journal of Rural Studies, American Psychologist, e outros*. A partir destes periódicos, dividiu-se o estudo em tópicos abaixo relacionados.

2. Aspectos Psicológicos Abordados nas Pesquisas

Nos trabalhos que abordam os aspectos psicológicos das atividades dos agricultores pode-se verificar que há muitas décadas os psicólogos já se preocupavam com estas questões. Em 1973, Richards fez uma revisão dos 25 anos de pesquisas sobre a psicologia da agricultura. Neste estudo o autor avaliou o trabalho psicológico na agricultura produtiva nos artigos de 1945 a 1970, em que os estudos foram agrupados de acordo com três grandes áreas: (1) prognósticos de escolha, (2) sucesso e satisfação; adoção de práticas recomendadas e (3) comunidades agrícolas.

Shanteau (2000) observa que há interesse pela psicologia agrícola, pois as perspectivas psicológicas têm interagido com as questões agrícolas em diversos domínios, tais como: necessidades terapêuticas das populações rurais, investigação das tarefas e habilidades dos agricultores, análise de especialistas em agricultura, avaliação de decisões de administração agrícola, projetos e estatísticas experimentais. Apesar do campo da psicologia agrícola não ser reconhecido, são muitas as aplicações comportamentais.

Os problemas psicológicos aparecem com muita intensidade no meio rural. Em estudo realizado por Monteiro (2004) foi analisado o processo de trabalho na agricultura familiar e o desencadeamento dos agravos à saúde do trabalhador, através de métodos de estudo de caso e

Análise Ergonômica do Trabalho em três propriedades rurais de Santa Catarina. Relata a autora que o modo operatório do agricultor familiar é influenciado pela disponibilidade de máquinas adequadas, pelos saberes adquiridos, muitos através da experiência, vivência e treinamentos e por mecanismo de defesa frente a situações de risco que o agricultor é obrigado a realizar diante de situações perigosas. Os agricultores apresentam problemas de saúde relacionados a má postura e sobrecarga física; o comportamento dos agricultores diante de incidentes e doenças é na maioria das vezes de negar os riscos, acumulando desta maneira cargas físicas e psíquicas, um dos problemas relatados foi a depressão.

Sobre a relação da ergonomia com os aspectos psicológicos, evidenciou-se em um estudo realizado por Correa (2003), que os aspectos psicológicos presentes em determinada realidade de trabalho exigem que o analista do trabalho considere a tríade que a compõe: as ações do trabalhador exigidas pelo trabalho, o contexto em que elas ocorrem e as conseqüências geradas por essas ações. A interação do homem com o trabalho sofre interferência direta da dinâmica do trabalho. Por isso, genericamente, a intensidade da exigência de trabalho é fruto da capacidade de regulação de cada trabalhador diante das exigências do trabalho, pois as diferentes atitudes adotadas pelos trabalhadores e, que geralmente resultam da capacidade de competência no trabalho, são capazes de equilibrar e ou regular as conseqüências negativas provenientes da realidade de trabalho.

Segundo Guérin *et al.* (2001) as agressões à saúde ligadas ao trabalho não são unicamente as que resultam do fato de obrigar o organismo a trabalhar em condições materiais patogênicas, pois certas formas de organização do trabalho levam os operadores a construir defesas psíquicas com graves conseqüências para a sua personalidade ou para sua saúde física.

Ressalta-se que com as contribuições da psicodinâmica do trabalho, enfatizou-se a centralidade do trabalho na vida dos trabalhadores e analisou-se os aspectos do trabalho que tanto favorecem a saúde, quanto a doença. O estudo da psicodinâmica também propôs reservar aos elementos afetivos e relacionais da carga mental um referencial específico denominado carga psíquica do trabalho. (DEJOURS, 1994).

Para Echternacht (1998) a subjetividade do trabalho se concretiza na ação humana durante o trabalho, a qual é medida pela corporeidade humana, ou seja, o corpo humano como gerador de energia através de seus processos biopsíquicos. Essa relação é entendida como um processo natural. Mas em situações onde há pouca ou nenhuma margem de manobra, surge a materialização da carga de trabalho na forma de "processos corporais transformados" (LAURELL; NORIEGA, 1989), ou seja, corpos funcional e fisiologicamente transformado por uma sobrecarga física de trabalho, levando ao adoecimento e ao sofrimento físico e mental.

Segundo Clot (2006) o trabalho é uma ação e possui uma função psicológica precisamente porque põe o sujeito a prova de suas obrigações práticas e vitais com relação aos outros e com relação ao mundo. Por isso, o trabalho também pode deixar marcas duradouras no sujeito, no coletivo e na história de vida de cada um.

2.1 Os Problemas de Saúde Mental

Os problemas de saúde mental são prevalentes nas áreas rurais e são relatados por vários autores. Arons (2000) e Taylor *et al.* (2000) mostram que aproximadamente uma em cinco pessoas tem problemas de saúde mental algum tempo em sua vida. No entanto, há uma grande proporção de pessoas, especialmente em áreas rurais e afastadas, que não recebem alguma

forma de atendimento por profissionais de saúde mental, a não ser em estágio de crise (FORTNEY *et al.*, 1999).

Nos Estados Unidos, os serviços de saúde mental são muito mais desenvolvidos nas áreas urbanas, do que nas rurais (GOLDSMITH *et al.*, 1997). A saúde mental em especial tem sido negligenciada com a população rural que constitui um quarto da população americana. Os psicólogos têm dado pouca atenção a este grupo e tem o desafio de pesquisar os problemas de saúde mental rural, como o estresse, as psicopatologias e o bem estar da comunidade (MURRAY; KELLER, 1991).

De um modo geral, é evidente a importância do desenvolvimento de políticas públicas, por parte dos departamentos de saúde, serviço social, agricultura, educação e iniciativas do congresso em relação aos serviços de saúde mental rural (HUMAN; WASSEN, 1991). Wayman (2000) verificou as condições de saúde mental dos trabalhadores rurais nos Estados Unidos enfatizando que o controle deverá ser através do atendimento das necessidades pessoais rurais dos Centro de Saúde Mental da Comunidade (*Community Mental Health Center- USA*), preocupações estas também relatadas por Shelton e Frank (1995).

Hendersen e Taylor (2003) examinaram importantes fatores que afetam a distribuição geográfica dos hospitais nas áreas rurais nos Estados Unidos, observando que a densidade populacional, a renda *per capita* e o isolamento rural são fatores que determinam o número reduzido de hospitais nestas áreas.

Em 2003, cerca de 900 mil pessoas cometeram suicídio no mundo inteiro. O Brasil, em 2004, aproximadamente oito mil brasileiros tiraram a própria vida. Embora a taxa média no Brasil não seja considerada alta (4,5 suicídios a cada 100 mil pessoas), o problema vem crescendo em certos segmentos da população, como homens mais jovens, índios, idosos, trabalhadores do setor agrícola que tiveram a saúde prejudicada por pesticidas e mulheres jovens gestantes moradoras de rua. Algumas cidades brasileiras possuem taxas acima da média nacional, como Porto Alegre, onde em 2004 na população masculina registraram-se 16 casos para cada 100 mil homens (BRASIL,2007).

Na atualidade, as pesquisas têm abordado principalmente a prevalência dos problemas de saúde mental dos trabalhadores agrícolas, relacionando-os com o estigma a doença mental, alcoolismo, exposição ocupacional por agrotóxicos, com a terceira idade, entre outros.

2.1.1 Estigma a Doença Mental

É comum identificar barreiras na utilização de serviços em áreas rurais e afastadas das áreas urbanas. Porém, algumas dificuldades estão associadas a um aspecto importante que é o estigma à doença mental. A visão das comunidades sobre saúde mental é negativa e de natureza física e social, as comunidades têm dificuldades para entender, mantendo o problema confidencial e no anonimato.

Para Rusch *et al.* (2005) o estigma tem o maior impacto nas pessoas com problemas de saúde mental, e o próprio estigma pode interferir em vários aspectos da vida, incluindo trabalho, família, cuidados com a saúde, vida social e anti-estigma. Para que as pessoas com problemas de saúde mental possam suportar, acompanhamentos por um longo tempo de anti-estigma são necessários para reduzir o estigma público na sociedade.

Segundo Fox *et al.* (1995) o estigma a doença mental pode reduzir o acesso aos cuidados de saúde das famílias agrícolas. O estigma tem sido uma das barreiras na auto-ajuda nas

comunidades agrícolas. As comunidades agrícolas são frequentemente menores, e a visibilidade é maior podendo levar as pessoas a terem medo de serem discriminadas na comunidade. Vale salientar, que tal estigma, também é vivenciado pela sociedade nos dias atuais, embora menos intenso, mas presente.

Thornagren (2003) estudou a saúde mental de homens e mulheres residentes em uma comunidade rural no estado de Idaho, nos Estados Unidos. Os resultados indicaram que os entrevistados tem passado por problemas de saúde mental, como depressão e ansiedade e acredita-se que as experiências inerentes à vida rural são um contributo para ajudar a melhorar os sintomas da doença.

2.1.2 Saúde Mental e Alcoolismo

Os problemas de alcoolismo também são preocupantes, Rost *et al.* (2000) verificaram que proporções mais elevadas ao risco de alcoolismo ocorrem no meio rural, identificando os setores que deveriam ser alvo na melhora da detecção e controle de risco do alcoolismo. Para o autor os atendimentos médicos por problemas de saúde mental e alcoolismo são mais frequentes no meio rural do que urbano.

Estudos realizados com a população rural em Midwestern nos Estados Unidos verificaram também a relação entre depressão e álcool, concluindo que altos índices de depressão são relacionados a usuários de álcool e outras substâncias. Observou-se também a relação entre fumo e depressão encontrando índices significativos de depressão em fumantes e no sexo feminino foi encontrada diferença significativa, concluindo que fumar é moderadamente relacionado com depressão no sexo feminino (WISE, 2003, 2004).

Penttinen (2001), em estudos realizados com agricultores finlandeses, observou que o abuso de álcool contribui para os problemas de saúde mental, aumentando o risco de suicídio. Segundo o autor o alcoolismo parece ser um importante fator de risco para morte acidental e suicídio.

2.1.3 Saúde Mental e Agrotóxicos

Levigard (2001) abordou os problemas de saúde dos trabalhadores agrícolas no Brasil com profissionais de programa de saúde da família (PSF) em que foram verificadas através de interpretações um elo entre manifestações de nervoso e sintomas de intoxicação, repercussões de acidentes de trabalho e medicamentos (uso de calmantes). O estudo mostra a forte associação entre queixas de nervoso em trabalhadores rurais e a exposição sem controle a agrotóxicos. Em outro estudo Faria *et al.* (2000) encontraram uma forte associação entre intoxicação por agrotóxicos organofosforados e a ocorrência de transtornos psiquiátricos menores, em estudo epidemiológico sobre a saúde mental dos trabalhadores rurais na Serra Gaúcha-Brasil.

Existem indícios suficientes, segundo Falk *et al.* (2000) para formular uma hipótese de que o uso de agrotóxicos é um dos principais fatores que levam ao suicídio, hipótese esta que vem sendo reforçada e válida para a população estudada de Venâncio Aires, Brasil, com os maiores índices mundiais de suicídio no meio rural.

Em pesquisas realizadas no Egito com aplicadores e formuladores de agrotóxicos foram encontrados resultados similares " *alta frequência de distúrbios psiquiátricos nos grupos expostos, com diagnóstico predominante de neurose depressiva, cujos sintomas mais frequentes eram a irritabilidade e disfunção erétil*" (AMR, 1997).

Os numerosos casos de suicídio, principalmente nas áreas rurais, têm sido investigados pelos pesquisadores, na Inglaterra e País de Gales, em que 30% dos agricultores que cometeram suicídio buscaram ajuda médica, exclusivamente, para doenças físicas três meses antes da sua morte. Na Austrália, Inglaterra e País de Gales, por exemplo, o suicídio e a doença mental são um dos maiores problemas (AUSTRALIAN INSTITUTE OF HEALTH, 2000; BOOTH *et al.*, 2000). No entanto, a elevada proporção de suicídio de agricultores não pode ser explicada simplesmente pela elevada proporção de problemas de saúde mental. A personalidade, o sexo, as atitudes das comunidades que limitam reconhecer as habilidades pessoais ou expressar os problemas mentais podem ser significantes fatores de risco para o suicídio de agricultores (JUDD, *et al.* 2006).

Outros pesquisadores destacam o elevado índice de suicídios com trabalhadores rurais, Pickett (1999) expressa a preocupação da exposição ocupacional por agrotóxicos e o alto número de suicídios entre agricultores canadenses; nos Estados Unidos, Conger (1999) destaca o elevado número de suicídios no ano de 1998 entre agricultores americanos de Iowa.

2.1.4 Saúde Mental e Terceira Idade

A terceira idade tem sido abordada com muita frequência, devido ao crescente aumento desta população, mas ainda são restritos os estudos nos contextos rurais. Para Wanfield (1990) os idosos rurais estão mais propensos a desenvolver problemas de saúde mental e física do que os idosos urbanos. Kalavar *et al.* (2003) em estudo realizado na Pensilvânia, Estados Unidos, analisaram as tarefas de casa realizadas pelos idosos e suas perspectivas de saúde, verificando casos de depressão e limitações de mobilidade.

Por outro lado, Siqueira e Silva (2002) verificaram resultados contraditórios apresentam em seus estudos níveis médios de bem estar em idosos portugueses residentes no Concelho de Mação, apontando adequada relação idoso/meio, em estudo sobre os níveis de bem estar de neste grupo de idosos portugueses residentes no meio rural.

Além dos fatores citados, outras questões merecem atenção, Kee *et al.* (2002) analisaram a Síndrome de Bournout (debilidade física e mental) nos trabalhadores rurais tentando verificar a relação entre a três dimensões da síndrome (exaustão emocional, despersonalização e baixo sentido de realização pessoal) e o suporte social.

Mulder *et al.* (1997) em estudo de revisão de literatura e discussão relatam a violência doméstica nas comunidades rurais nos Estados Unidos. Baseados nesta revisão os autores oferecem algumas sugestões de intervenção e destacam a importância da sensibilização cultural das intervenções na comunidade, enfatizando as características sócio-culturais de relevância a serem observadas nos estudos das comunidades rurais, que são: a isolamento, os aspectos econômicos, a carência de serviços e as normas sociais.

A OMS realizou em 2003 um estudo sobre a Saúde dos Trabalhadores Agrícolas do Leste do Mediterrâneo, mais precisamente no Cairo, em que foram abordados os fatores psicossociais do trabalho agrícola. Os fatores psicossociais referente ao trabalho para os aspectos como ambiente, contentamento com o emprego, condições organizacionais, capacidades dos trabalhadores e necessidades culturais e pessoais fora do trabalho que podem influenciar a saúde, o desempenho do trabalho e satisfação com seu emprego (WHO, 2003).

3. Considerações Finais

A saúde do trabalhador agrícola deverá ser entendida na sua totalidade, os serviços de saúde devem proporcionar atendimento médico e psicológico para que ele tenha uma melhor qualidade de vida. Muitos aspectos são abordados, mas diante da diversidade de situações e da complexidade das atividades desenvolvidas pelos trabalhadores agrícolas é de suma importância estudos sobre a saúde mental de trabalhadores agrícolas.

Como se pode observar neste estudo, a carência de serviços de atendimento à saúde mental e psicológica das atividades dos agricultores é evidenciada em muitos países. Além disso, fica evidente também a necessidade de mudança deste quadro por parte das autoridades e dos profissionais da área da saúde. Convém, ainda ressaltar a importância dos estudos desenvolvidos e a necessidade de continuidade dos mesmos, especialmente no Brasil, na busca de melhores condições dos trabalhadores agrícolas no exercício de suas atividades.

4. Referências

ALBUQUERQUE, F. J. B. Psicologia Social e Formas de Vida Rural no Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 18, n. 1, p. 37-42, 2002.

AMR, M. M.; HALIM, Z. S.; MOUSSA, S. S. Psychiatric disorders among Egyptian pesticide applicators and formulators. *Environmental Research*, v. 73, n. 1, p. 193-199, 1997.

ARONS, B. Mental health services in rural America: improvements in mental health care. *Vital Speeches of the Day*, v.6, n. 12, 369-371, 2000.

AUSTRALIAN BUREAU OF STATISTICS. *Mental health and well being profile of adults Queensland* (4326.3.40.001). Canberra:AGPS, 1997.

BEEDELL, J. D. C.; REHMAN, T. Explaining farmers' conservation behaviour: Why do farmers behave the way they do? *Journal of Environmental of Management*, v. 57, p.165-176, 1999.

BOOTH, N.; BRISCOE, M.; POWELL, R. Suicide in the farming community: Methods used and contact with health services. *Occupational and Environmental Medicine*, v. 57, p. 642-645, 2000.

CLOT, Y. *A função psicológica do trabalho*. Petrópolis:Vozes, 2006.

CONGER, R. D. Suicide and Rural Economic Problems. *Archives of General Psychiatry*, v. 56, n. 12, p. 110-118, 1999.

FALK, J.W.; CARVALHO, L. A.; SILVA, L. R.; PINHEIRO, S. Suicídio e Doença Mental em Venâncio Aires-RS: Conseqüência do Uso de Agrotóxicos Organofosforados. *Relatório Preliminar de Pesquisa*, mar. 1996.

FARIA, N.M.; FACHINI, A. A.; FASSA, A. G.; TOMASI, E. Estudo transversal sobre a saúde mental de agricultores da Serra Gaúcha. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v.16, n.1, p. 115-128, 2000.

FORTNEY, J. C.; OWEN, R.; CLOTHIER, J. Impact of travel distance on disposition of patients presenting for emergency psychiatric care. *The Journal of Behavioral Health Services and Research*, v. 26, n. 1, p. 104-108, 1999.

GOLDSMITH, H. F.; WAGENFELD, M. O.; MANDERSCHIED, R. W.; STILES, D. Specialty mental health services in metropolitan and nonmetropolitan areas: 1983 and 1990. *Administration and Policy in Mental Health*, v. 24, n. 6, p. 475-488, 1997.

GUÉRIN, F.; LAVILLE, A.; DANIELLOU, F.; DURAFFOURG, J.; KERGUELEN, A. *Comprender o trabalho para transformá-lo: a prática da ergonomia*. São Paulo: Edgar Blucher, 2001.

HENDERSEN, J. W.; TAYLOR, B. A. Rural Isolation and the Availability of Hospital services. *Journal of Rural Studies*, v. 19, p.363-372, 2003.

HUMAN, J.; WASEM, C. Rural mental health in America. *American Psychologist*, n. 46, v. 3, 232-239, 1991.

JUDD, F. et al. Understanding suicide in Australian farmers. *Social Psychiatric and psychiatric Epidemiology*. v. 41, n. 1, Jan. p. 1-10 2006.

KALAVAR, J. M. RAPANO, J. Homebound Rural Elderly in Pennsylvania: Health Perspective. *Journal of Rural Community Psychology*, v. E6, n. 1, 2003. Disponível em: <http://www.marshall.edu/jrcp/E6one_Kalavar.htm.> Acesso em: 20 maio 2007.

KALAVAR, J. M. RAPANO, J. Homebound Seniors in Rural Communities: Recruitment Challenges & Emerging themes. *Journal of Rural Community Psychology*, v. E5, n. 1, 2002. Disponível em:< <http://www.marshall.edu/jrcp/sp2002/Kalavar.htm>.> Acesso em: 20 maio 2007.

KEE, A.; JOHNSON, D.; HUNT, P. Burnout and Social Support in Rural Mental Health Counselors. *Journal of Rural Community Psychology*, v. E5, 1, p. 2002. Disponível em: <<http://www.marshall.edu/jrcp/sp2002/Kee.htm>.>Acesso em: 25 maio 2007.

LAURELL, A. C.;NORIEGA, M., *Processo de Produção e Saúde: Trabalho e Desgaste Operário*. São Paulo: Hucitec, 1989

LEMON, M.; PARK, J. Elicitation of farming agendas in a Compel Environment. *Journal of Rural Studies*, n. 9, p. 405-410, 1993.

LEVIGARD, I. E. *A interpretação dos profissionais de saúde acerca das queixas de nervoso no meio rural – Uma aproximação ao problema de intoxicações por agrotóxicos*. Rio de Janeiro, 2001. Dissertação (Mestrado em saúde do Trabalhador e Ecologia Humana). Escola nacional de Saúde Pública.

MONTEIRO, J. *O processo de trabalho e o desencadeamento dos agravos à saúde do trabalhador: Um estudo ergonômico na agricultura familiar de Santa Catarina*.

Florianópolis, 2004. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina.

MURRAY, J. D.; KELLER, P. A. Psychology and rural America: current status and future directions. *American Psychologist*, v. 46, n. 3, p. 220-231, 1991.

MULDER, P. L. Domestic Violence in rural Communities: A Literature Review and Discussion. *Journal of Rural Community Psychology*, v. 12, n. 2, 1997. Disponível em: <http://www.marshall.edu/jrcp/Archives/Vol12No2/V12_2.html> Acesso em: 25 setembro 2007.

PICKETT, W.; KING, W. D.; LESS, R. E.; MORRISON, H. I.; BRISON, R. J. Suicide mortality and pesticide use among Canadian farmers. *American Journal Industrial Medicine*, v. 16, n. 1, p. 115-128, 1998.

RICHARDS, J. M. The psychology of farming. A review of twenty-five years of research. *Journal of Vocational Behavior*, v. 3, n. 4, p. 485-501, 1973.

ROST, K.; KIRCHNER, J.; FORTNEY, J. C.; BOOTH, B. M. Rural-Human Differences in Service Use By At-Risk Drinkers. *Journal of Rural Community Psychology*, v. E3, n. 1, 2000. Disponível em: <<http://www.marshall.edu/jrcp/Vole31/rost.htm>> Acesso em: 10 setembro de 2007.

SHANTEAU, J. *Encyclopedia of Psychology and Behavioral science*. Craighead, W. E.; Nemeroff, C.B. (Eds.). New York: Wiley, 2001.

SIQUEIRA, A.; SILVA, M. N. O bem estar da pessoa idosa em meio rural. *Análise psicológica*, v.3, n.20, p. 505-516, 2002.

SHELTON, D. A.; FRANK, R. Rural mental health coverage under health reform. *Community Mental Health Journal*, v. 31, n. 6, p. 539-552, 1995.

TAYLOR, A. W.; WILSON, D. H.; DAL GRANDE, E.; BEN-TOVIM, D.; ELZINGA, R. H.; MACFARLANE, A. C.; CHEOK, F. Mental health status of the South Australian population. *Australian and New Zealand Journal of Public Health*, v. 24, p. 29-34, 2000.

THORNGREN, J. M. Rural Mental Health: A Qualitative Inquiry. *Journal of Rural Community Psychology*, v. E6, n. 2, 2003. Disponível em: http://www.marshall.edu/jrcp/JRCP_E6_2_Thorngren.htm. Acesso em: 10 abril 2007.

WAYMAN, D. V. Rural Management Concerns: Management Concerns in Rural Community. *Journal of Rural Community Psychology*, v. E3, n. 1, 2000. Disponível em: <http://www.marshall.edu/jrcp/Vole31/wayman.htm>. Acesso em: 10 maio 2007.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Psychosocial Factors. In: *Health Workers in Agriculture*. Regional Office for the Eastern Mediterranean, Cairo, p. 81-89, 2003.

WISE, J. M.; MILLER, R. E.; PREUSSLER, D. W. The Relationship Between Depression and Alcohol / Substance Use in the Rural Midwestern United States. *Journal of Rural Community Psychology*, v. E6, n. 2, 2003. Disponível em: <http://www.marshall.edu/jrcp/E_6_2_Wise.htm. > Acesso em 15 setembro de 2007.

WISE, J. M.; MILLER, R. E.; PREUSSLER, D. W. The Relationship Between Smoking and Depression in the rural Midwestern, United States. *Journal of Rural Community Psychology*, v. E7, n. 1, 2004. Disponível em: <http://www.marshall.edu/jrcp/Vole31/rost.htm>. Acesso em: 15 setembro 2006.